

Lula e Boric criticam 'guerra fria' de Trump

Ambos defenderam a autonomia e o livre comércio

Por Karoline Cavalcante

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) recebeu nesta terça-feira (22) o presidente do Chile, Gabriel Boric, no Palácio do Planalto, em Brasília. Durante coletiva de imprensa, os líderes criticaram o que veem como uma "guerra fria" entre os Estados Unidos e a China. "A nós, brasileiros, não agrada essa disputa estabelecida pelo presidente [dos Estados Unidos, Donald] Trump. Eu acho que ela não é conveniente para os Estados Unidos, não é conveniente para a China e não é conveniente para nenhum país do mundo", disse Lula.

Ambos se referem à política protecionista iniciada pelo presidente norte-americano Donald Trump, que impôs uma série de tarifas de importação aos países ao redor do mundo. A China respondeu à taxa com reciprocidade, o que causou irritação em Washington, que estuda pressionar o mundo a reduzir o comércio com o país asiático.

"Eu não quero Guerra Fria. Eu não quero fazer opção entre os Estados Unidos ou China. Eu quero ter relações com os Estados Unidos, eu quero ter relação com a China. Eu quero negociar com todo mundo, eu quero vender e comprar. Fazer parceria", prosseguiu o líder brasileiro.

Pouco antes, o presidente chileno já tinha colocado o seu país em posição contrária à guerra comercial e à "política arbitrária do comércio".

"Defendemos com muita força nossa autonomia estratégica no mundo, tendo relações com diferentes países e regiões sem ter de escolher entre um e outro", disse Boric.



Boric e Lula opuseram-se à guerra comercial entre EUA e China

Reunião

No encontro, os líderes assinaram 13 acordos e memorandos de entendimento para ampliar a cooperação entre os dois países em áreas como justiça e segurança pública, defesa, ciência e tecnologia, cultura, pesca e aquicultura, agricultura, pecuária e inteligência artificial. Em nota, o governo chileno já havia adiantado que a reunião visava: consolidar os laços políticos, culturais e para a defesa da democracia e dos direitos humanos; impulsionar o Corredor Bioceânico Vial, rota comercial que unirá o Pacífico e o Atlântico, e expandir o intercâmbio econômico com o Brasil — que é o terceiro sócio comercial do Chile.

Na ocasião, Lula convidou Boric a participar da cúpula do Brics, que acontecerá no Rio de Janeiro, em junho deste ano. Também sugeriu que o presidente do Chile integre a reunião da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos

(Celac), a ser realizada na China no mês de maio. O presidente brasileiro afirmou que, por meio da proximidade do assessor especial para Política Externa, Celso Amorim, com o país asiático, fará uma articulação para conseguir para Boric uma reunião bilateral com o presidente chinês, Xi Jinping.

Proximidade

Após a reunião, as autoridades seguiram para um almoço no Palácio do Itamaraty. A visita oficial de Boric coincide com a primeira celebração do Dia da Amizade entre Brasil e Chile. A data foi instituída por Lula em 2023, durante visita a Santiago, para marcar o início das relações diplomáticas entre os dois países em 22 de abril de 1836.

As atividades continuam com a realização do Fórum Empresarial Brasil-Chile, na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em Brasília. O destaque está no projeto Rotas de Integração Sul-Americana, com

o Corredor Bioceânico, que liga os portos brasileiros (São Paulo, Paraná e Santa Catarina) aos portos chilenos de Iquique, Mejillones e Antofagasta. A entrega da obra tem conclusão prevista para 2026. "Será um momento fundamental porque fortalecerá os laços de confiança entre os setores público e privado dos dois países. Cada um está em uma ponta: o Chile diante do Pacífico e o Brasil diante do Atlântico. A rota bioceânica permitirá uma aproximação que trará mais empregos e mais renda para os dois países", afirmou a ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet.

Em 2023, o comércio bilateral superou os 12,5 bilhões de dólares. Isso é reflexo do Chile ser o principal exportador latino-americano para o Brasil, e o Brasil ser o segundo maior destino das exportações chilenas. Desde 2022, os países mantêm um Acordo de Livre Comércio, além de mais de 100 acordos bilaterais em vigor.

Galípolo: Juros só caem com reformas

Por Karoline Cavalcante

O presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, afirmou nesta terça-feira (22) que a normalização da política monetária brasileira exigirá uma série de reformas contínuas. No entanto, segundo ele, muitas dessas mudanças podem estar "fora da alçada" da autoridade monetária. A declaração foi feita durante audiência pública na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado Federal, em cumprimento ao cronograma de prestação de contas previsto pelo regimento interno da Casa.

Galípolo destacou que o cenário internacional tem sido o principal vetor na definição da dinâmica dos preços de mercado. Para ele, a intensificação da guerra tarifária conduzida pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (Republicano), tem provocado uma desaceleração da economia global — possibilidade já apontada no balanço de riscos divulgado pelo Comitê de Política Monetária (Copom) em janeiro.

Além das tarifas, o presidente do BC ressaltou a incerteza gerada pela falta de clareza sobre os desdobramentos dessas medidas, o que acaba adiando decisões de consumo e investimento. "Há uma incerteza sobre o que irá ocorrer. Quais tarifas, de fato,



Para Galípolo, política de Trump acirra incertezas

serão implementadas? Considerando inclusive as idas e vindas que temos observado. E, uma vez adotadas, quais os impactos sobre as cadeias produtivas?", questionou.

Desaceleração

Segundo ele, essa instabilidade pode evoluir para um cenário de aversão ao risco. "Ou seja, uma escalada na disputa comercial que leve a uma desaceleração mais abrupta e intensa da atividade econômica. Em contextos assim, é comum que investidores busquem proteção em ativos mais líquidos e menos arriscados", explicou.

"Historicamente, quando você tem um cenário de aversão de risco, o que você costuma fazer é correr para o dólar ou títulos soberanos norte-americanos. Como dessa vez o epicentro da crise está vindo da própria economia americana, é perceptível, entre os agentes econômicos, uma dúvida sobre para onde se deve procurar proteção no momento de aversão a risco", completou.

Supersafra

Para o presidente da CAE, senador Renan Calheiros (MDB-AL), a supersafra vai

ajudar, mas os preços dos alimentos não devem regredir com velocidade; mantendo uma situação peculiar." Vamos muito bem segundo diversos indicadores macroeconômicos, a começar pelo crescimento do produto interno bruto (PIB), aumento da renda média das famílias e baixa taxa de desemprego. No entanto, para o fantasma inflacionário", afirmou o senador.

Em março deste ano, o Copom elevou a taxa Selic, a taxa básica de juros da economia, pela quinta vez consecutiva. O aumento foi de um ponto percentual, levando a taxa para 14,25% — o maior patamar desde outubro de 2016. O mercado financeiro já indica, inclusive, que novas altas são esperadas.

Galípolo comparou o papel do Banco Central, em momentos como este, ao de um "chato da festa", que precisa agir para controlar os excessos. Quando a festa está ficando muito aquecida e o pessoal está subindo em cima da mesa, tira a bebida da festa. Mas também quando o pessoal está querendo ir embora, você fala: "Fica, esta chegando mais bebida, fique tranquilo, vai ter música, podem continuar na festa". Então você tem esse papel meio chato de ser o cara que está sempre na contramão, afirmou.

CORREIO ECONÔMICO



FMI projeta ano de baixo de crescimento no mundo

FMI faz projeções pessimistas: "Momento crítico"

O Fundo Monetário Internacional (FMI) projetou um cenário pessimista para a economia mundial e do Brasil, em consequência, no seu mais recente boletim trimestral. No documento, denominado World Economic Outlook, divulgado nesta terça-feira (22), o FMI aponta que a economia global encontra-se em "um momento crítico" e que incertezas políticas, boa parte delas

relacionadas ao tarifaço imposto pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, testam a resiliência global. Na visão do FMI, o ano de 2024 foi de estabilidade após um "prolongado período desafiador sem precedentes". Contudo, o impacto das novas barreiras comerciais, especialmente com a reação da China, obrigam a uma revisão dos números.

PIB menor

Por conta desse cenário, o FMI projeta um crescimento do PIB global de 2,8% em 2025. Abaixo dos 3,3% de 2024 e 0,5 ponto percentual abaixo do que era previsto em janeiro. Nos próprios Estados Unidos, a projeção do FMI é para um crescimento de somente 1,8%.

Brasil

Para o Brasil, a expectativa do Fundo é de crescimento de 2% em 2025. Em 2024, esse incremento foi de 3,4%. Assim, o país segue abaixo da média mundial, mas relativamente sólido em comparação com outras economias da América Latina.



Inflação deve cair, mas fica ainda acima da meta

Focus projeta pequena queda na inflação

O boletim Focus, pesquisa que o Banco Central faz com analistas do mercado financeiro, projeta uma pequena queda nas previsões para a inflação. O levantamento capta uma percepção de alta de 5,57 da inflação ao final deste ano. No boletim anterior, a previsão de avanço era de 5,65%. Para 2026, o Focus projeta uma

inflação ao final do ano de 4,50%. Tais números, no entanto, deverão manter o aperto do Banco Central na sua política de juros. Porque o centro da meta perseguido pela autoridade monetária é de 3%. A projeção aponta para a possibilidade de ir para 15%, reduzindo para 12,5% em 2026. Atualmente, estão em 14,25% ao ano.

América do Sul

Em meio à guerra tarifária imposta pelo presidente dos EUA, Donald Trump, os países sul-americanos estão conferindo algumas vantagens. As tensões entre os norte-americanos e os chineses criaram uma abertura para as exportações agrícolas dos países da América do Sul.

Carne

As possibilidades avançam desde grãos até carne. Mas é na carne que novas possibilidades estão especialmente se abrindo. Já houve acréscimo no chamado mercado "halal" (de cortes especiais liberados para o consumo de países muçulmanos), como Argélia e Turquia.

Japão

Após a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Japão está em negociações para comprar carne mais barata do Brasil. O país asiático é o segundo maior consumidor de carcaça produzida nos Estados Unidos. Novos problemas com os EUA podem atrair outros compradores.

Hidrogênio

O Brasil aposta na produção de energia sustentável. Mas o uso de hidrogênio enfrenta um gargalo: a transmissão de energia. Segundo a Folha de S. Paulo, o Operador Nacional do Sistema (ONS) negou oito pedidos de acesso às redes de transmissão recentemente.